

## A REFORMA CALVINISTA E A EDUCAÇÃO: ANOTAÇÕES INTRODUTÓRIAS

*Hermisten Maia Pereira da Costa\**

### RESUMO

Neste artigo Costa descreve a origem medieval de três universidades representativas da Europa: Paris, Bolonha e Salerno. Tratando da Reforma Protestante, demonstra como foi culturalmente importante para o protestantismo a compreensão de que a fé cristã deve ser conhecida a fim de que possa ser professada. Dentro da perspectiva reformada da “fé explícita” e da “graça comum”, analisa a origem da Academia de Genebra criada por João Calvino, as suas características e influência, evidenciando o lastro histórico da criação de universidades e, ao mesmo tempo, o referencial distinto da Academia. Conclui apontando como os países alcançados pela Reforma, por motivações primariamente religiosas, deram grande ênfase à leitura, à educação e à criação de escolas em todos os níveis.

### PALAVRAS-CHAVE

João Calvino; Reforma Protestante; Academia de Genebra; Educação; Universidades medievais.

Ninguém contestará, pois, que a educação dos jovens deve ser um dos principais objetivos de cuidado por parte do legislador; porque todos os Estados que a desprezaram prejudicaram-se grandemente por isso – Aristóteles (384-322 a.C.).<sup>1</sup>

---

\* Hermisten M. P. Costa é ministro da Igreja Presbiteriana do Brasil e mestre e doutor em Ciências da Religião. Atua como Diretor da Escola Superior de Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie. É professor e pesquisador do PPGCR (Mackenzie), professor de Teologia Sistemática e Teologia Contemporânea do Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição e integra a equipe de pastores da Igreja Presbiteriana de São Bernardo do Campo.

<sup>1</sup> ARISTÓTELES. *A política*. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint, (s.d.), v. 1.1, p. 140.

A influência da Reforma sobre a cultura não foi reservada a uma elite, mas envolveu todas as pessoas – Francis A. Schaeffer.<sup>2</sup>

O calvinismo ainda é um dos movimentos intelectuais mais poderosos e significativos da história da humanidade – Alister E. McGrath.<sup>3</sup>

## INTRODUÇÃO: O SURGIMENTO DAS UNIVERSIDADES MEDIEVAIS

Quando não podemos conhecer alguém diretamente, sabemos que obter informações apenas pelos seus amigos pode nos conduzir a uma compreensão por demais cândida. Da mesma forma, conhecer pelos olhos de seus inimigos é algo preocupante e, certamente, nos conduzirá a equívocos graves. Estas são duas formas paralelas de conhecer que podem ser infindamente enganosas. As alusões à Idade Média parecem padecer em especial deste segundo mal: tendemos a perpetuar uma tradição, com seus equívocos consagrados, de “Idade das Trevas”. Na realidade, a Idade Média, que durou em torno de mil anos, não pode ser definida em um parágrafo, visto que houve vários períodos dentro da mesma. Rossi lembra aos desavisados: “Hoje sabemos que o mito da Idade Média, como época de barbárie, era justamente, um mito, construído pela cultura dos humanistas e pelos pais fundadores da modernidade”.<sup>4</sup>

No campo educacional, no entanto, é pertinente a observação de Abbagnano, quando, analisando a “totalidade do homem” enfatizada pelo Humanismo, faz o contraste: “O curriculum medieval dos estudos era elaborado para um anjo ou uma alma desencarnada”.<sup>5</sup> Em outras palavras, para um homem inexistente.

Todavia, não podemos nos esquecer de que as universidades são produtos da Idade Média (século 12), resultante dos contatos do mundo ocidental com

<sup>2</sup> SCHAEFFER, Francis A. *Como viveremos?* São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 56.

<sup>3</sup> MCGRATH, Alister E. *Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã*. São Paulo: Shedd Publicações, 2005, p. 104.

<sup>4</sup> ROSSI, Paolo. *O nascimento da ciência moderna na Europa*. Bauru, SP: EDUSC, 2001, p. 15. Do mesmo modo afirma corretamente o grande historiador tomista Étienne Gilson: “A imagem de uma ‘Idade Média’, de duração aliás indeterminada, preenchida por uma ‘escolástica’ cujos representantes repetiam substancialmente a mesma coisa durante séculos, é um fantasma histórico de que convém desconfiar” (GILSON, Etienne. *A filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 735). Ver um resumo analítico das abordagens históricas a respeito da Idade Média em: AMALVI, Christian. *Idade Média*. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.). *Dicionário temático do ocidente medieval*. Bauru, SP: Editora da Universidade Sagrado Coração/Imprensa Oficial do Estado, 2002, v. 1, p. 537-551.

<sup>5</sup> Humanismo. In: ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 2ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982, p. 493. Contrastando a educação humanista com a medieval, Mondin afirma: “Com o humanismo e o renascimento, o ideal educativo não é mais o perfeito cidadão, o santo, mas sim o homem culto” (MONDIN, Battista. *Introdução à filosofia*. São Paulo: Paulinas, 1980, p. 106).

o muçulmano e bizantino.<sup>6</sup> Esta, na expressão de Abbagnano e Visalberghi, foi “a mais importante instituição cultural da Idade Média”.<sup>7</sup> No entanto, devemos ter em mente que a idéia de universidade não deve ser associada, como hoje fazemos, a um conjunto de prédios, de faculdades dedicadas ao ensino e pesquisa, e sim a um grêmio de professores e alunos que se dedicam ao estudo e que “formavam uma corporação jurídica de direito próprio”.<sup>8</sup> Elas só podiam ser fundadas pelo Imperador (“*fundação real*”) ou pelo Papa (“*fundação pontifícia*”). Mesmo aquelas surgidas “espontaneamente” ou “nascidas por migração”, tinham o seu reconhecimento oficial mediante um documento papal ou real. Esta *licentia docendi* foi a forma encontrada pela igreja para preservar o seu monopólio.<sup>9</sup> Estas universidades tornaram-se com o passar do tempo (século 13), em objeto de competições por parte dos monarcas dos respectivos países (até o fim daquele século foram fundadas 46 universidades), que desejavam ter sob o seu domínio um “studium generale” – cursos que não eram universitários e que podiam ser frequentados por alunos de todas as partes e cujos graus tinham um valor universal –, com o mesmo prestígio da Universidade de Paris, Bolonha e Salerno.<sup>10</sup> A Universidade de Paris, que é de origem “espontânea” (tendo os estatutos, elaborados por Roberto Courson, aprovados em 1215),<sup>11</sup> constava de quatro faculdades: Teologia, Filosofia ou “Artes” (a mais concorrida), Direito (o direito civil foi banido a partir de 1219)<sup>12</sup> e Medicina. Todavia, ela especializou-se no ensino

<sup>6</sup> Ver Universidade. In: BONASSIE, Pierre. *Dicionário de história medieval*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1985, p. 195.

<sup>7</sup> ABBAGNANO, N.; VISALBERGHI, A. *Historia de la pedagogía*. Novena reimpressão, México: Fondo de Cultura Económica, 1990, p. 153. De modo semelhante, escreveu Verger: “As universidades foram de longe, a mais complexa e a mais elaborada dessas instituições, aquelas que melhor representam os valores e as expectativas da civilização medieval no campo educativo” (VERGER, Jacques. Universidade. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.). *Dicionário temático do ocidente medieval*, v. 2, p. 573. Do mesmo modo: VERGER, Jacques. *Homens e saber na Idade Média*. Bauru, SP: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999, p. 75).

<sup>8</sup> BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. *História da filosofia cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa*. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985, p. 355.

<sup>9</sup> Ver: VERGER, *As universidades na Idade Média*, p. 41-45; CHARLE, Christophe; VERGER, Jacques. *História das universidades*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996, p. 14-15.

<sup>10</sup> Ver: JANOTTI, Aldo. *Origens da universidade: a singularidade do caso português*. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 1992, p. 22-25; SARAIVA, António José. *O crepúsculo da Idade Média em Portugal*. Lisboa: Gradiva, 1988, p. 111ss; Idem., *História da cultura em Portugal*, Lisboa: Jornal do Fôro, 1950, v. 1, p. 95ss.; BOEHNER; GILSON, *História da filosofia cristã*, p. 357.

<sup>11</sup> Cf. LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 62, 137.

<sup>12</sup> Cf. VERGER, Universidade. In: LE GOFF; SCHMITT, *Dicionário temático do ocidente medieval*, v. 2, p. 577.

de Teologia, tornando-se para a “santa igreja” como “a árvore da vida”. Em 1255, o papa Alexandre IV (1254-1261) escreveu:

A ciência das escolas de Paris está na Santa Igreja como a árvore da vida no paraíso terrestre e como a lâmpada refulgente na casa do Senhor. Como uma mãe fecunda de erudição, ela faz jorrar em abundância das fontes da doutrina da salvação os rios que vão banhar a face estéril da terra, ela alegra por toda parte a Cidade de Deus e subdivide as águas da ciência que faz correr nas praças públicas para o refrigério das almas sedentas de justiça.... É em Paris que o gênero humano, deformado pela cegueira de sua ignorância original, recupera sua visão e sua beleza pelo conhecimento da luz verdadeira que irradia da ciência divina.<sup>13</sup>

Este elogio de Alexandre IV, envolvia obviamente a sua vitória sobre a autonomia da Universidade, na qual ele demitiu e contratou quem desejou, concedendo amplos poderes aos religiosos mendicantes... fiéis ao papa.<sup>14</sup> A Universidade de Paris – apesar do antagonismo interno –, tornou-se a definidora, defensora e divulgadora da ortodoxia católica,<sup>15</sup> tendo os papas ao longo dos anos contribuído decisoriamente para a sua projeção internacional.

Ora, na medida em que ensinava teologia, a Universidade de Paris cessava de pertencer a si mesma e dependia de uma jurisdição mais alta do que a da razão individual ou da tradição escolar. Sua própria importância, o número sem cessar crescente dos mestres e alunos que vinham de todas as partes do mundo cristão para aí se instruir faziam dela a fonte do erro ou da verdade teológicas para toda a cristandade.<sup>16</sup>

Aliás, os papas procuravam sempre tornar as universidades em instrumento conservador e defensor da “ortodoxia” católica. Por outro lado, os reis também viam nas universidades um meio de projeção pessoal e propagação do seu reino.<sup>17</sup> Os mestres formados em Paris tinham em geral uma bela carreira pela frente no alto clero.<sup>18</sup>

<sup>13</sup> In: GILSON, *A filosofia na Idade Média*, p. 490. Ver também: SARAIVA, *O crepúsculo da Idade Média em Portugal*, p. 112; SARAIVA, *História da cultura em Portugal*, v. 1, p. 30, 96, 98.

<sup>14</sup> Ver VERGER, *As universidades na Idade Média*, p. 77-79; GILSON, *A filosofia na Idade Média*, p. 488ss.

<sup>15</sup> “A universidade de Paris tornou-se, no século 14, conselheira do rei da França e do papa...” (VERGER, Jacques. Universidade. In: LE GOFF; SCHMITT (Orgs.), *Dicionário temático do ocidente medieval*, v. 2, p. 583).

<sup>16</sup> GILSON, *A filosofia na Idade Média*, p. 487.

<sup>17</sup> Ver: SARAIVA, *História da cultura em Portugal*, v. 1, p. 30, 100; BOEHNER; GILSON, *História da filosofia cristã*, p. 357-358; GILSON, *A filosofia na Idade Média*, p. 484, 487ss; VERGER, *As universidades na Idade Média*, p. 72, 79.

<sup>18</sup> VERGER, Universidade. In: LE GOFF; SCHMITT, *Dicionário temático do ocidente medieval*, v. 2, p. 575-576.

A Universidade de Bolonha, de origem laica, especializou-se no Direito Romano, permanecendo por muito tempo como o principal local de estudos jurídicos na Europa.<sup>19</sup> Um de seus alunos (c. 1495) e depois mestre ilustre foi Copérnico.<sup>20</sup> Do mesmo modo, “os juristas bolonheses tornavam-se conselheiros procurados por príncipes e cidades, sobretudo nas regiões mediterrâneas”.<sup>21</sup> Somente em 1352 ou 1364<sup>22</sup> Bolonha teve uma Faculdade de Teologia, concedida pelo papa Inocêncio VI (1352-1362).<sup>23</sup> A Universidade de Salerno, especializou-se na área da Medicina, sendo durante séculos a mais importante da Europa.<sup>24</sup>

As universidades, apesar de suas características próprias, são uma corporação eclesiástica que visa o monopólio cultural da Igreja, quer de forma direta, quer indiretamente.<sup>25</sup> Nos séculos 13-15 a Europa conhecerá a fundação de inúmeras universidades, que ganharão gradativamente um sentido mais local, perdendo uma de suas características primevas, a internacionalidade.<sup>26</sup> Houve um crescente número de universidades criadas nos séculos seguintes que, em geral, procuravam seguir os modelos de Paris e Bolonha. Assim temos a fundação de: Cambridge (1209), Salamanca (1218),<sup>27</sup> Montpellier (1220), Pádua (1222), Nápoles (1224), Toulouse (1229 ou 1234), Lisboa (1290), Lérida (1300), Avignon (1303), Roma (1303), Perúgia (1308), Cahors (1332), Pisa (1343), Valladolid (1346), Praga (1347), Florença (1349), Perpignan (1350), Huesca (1354), Siena (1357), Pávia (1361), Cracóvia (1364), Viena (1365), Orange (1365), Erfurt (1379), Heidelberg (1385), Colônia (1388), Leipzig (1409), St. Andrews (1413), Rostock (1419), Lovaina (1425), Caen (1452), Trêves (1454), Greifswald (1456), Friburgo (1457), Bâle (1459), Ingolstadt (1459), Basileia

<sup>19</sup> Cf. SARAIVA, *O crepúsculo da Idade Média em Portugal*, p. 112; SARAIVA, *História da cultura em Portugal*, v. 1, p. 98.

<sup>20</sup> Cf. HAWKING, Stephen. *Os gênios da ciência: Sobre os ombros do gigante: as mais importantes idéias e descobertas da física e da astronomia*. Rio de Janeiro: Elsevier Editora, 2005, p. 3.

<sup>21</sup> VERGER, Universidade. In: LE GOFF; SCHMITT (Orgs.), *Dicionário temático do ocidente medieval*, v. 2, p. 576.

<sup>22</sup> *Ibid.*, p. 578.

<sup>23</sup> Cf. BOEHNER; GILSON, *História da filosofia cristã*, p. 356; GILSON, *A filosofia na Idade Média*, p. 483.

<sup>24</sup> Cf. SARAIVA, *O crepúsculo da Idade Média em Portugal*, p. 130; JANOTTI, *Origens da universidade*, p. 24.

<sup>25</sup> Ver LE GOFF, *Os intelectuais na Idade Média*, p. 64; VERGER, Universidade. In: LE GOFF; SCHMITT, *Dicionário temático do ocidente medieval*, v. 2, p. 573, 576; LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades*. 2ª reimpressão. São Paulo: Editora Unesp, 1998, p. 64-65.

<sup>26</sup> Ver LE GOFF, *Os intelectuais na Idade Média*, p. 106-109; LINDSAY, T.M. *La Reforma en su contexto histórico*. Barcelona: CLIE, 1985, p. 64.

<sup>27</sup> Confirmada pelo papa somente em 1255 (Cf. VERGER, Universidade. In: LE GOFF; SCHMITT (Orgs.), *Dicionário temático do ocidente medieval*, v. 2, p. 579).

(1459), Bourges (1464), Bordeaux (1473), Mogúncia (1476), Tübingen (1476), Uppsala (1477), Copenhague (1478), Frankfurt (1498), Alcalá (1499), etc. Nos fins do século 15, a Europa contará com mais de 75 universidades.<sup>28</sup>

## 1. A REFORMA E A NECESSIDADE DA “FÉ EXPLÍCITA”<sup>29</sup>

### 1.1 *Calvino e a fé explícita*

Os credos da Reforma são as confissões de fé e catecismos que surgiram no período da Reforma ou por inspiração daquele movimento, refletindo uma teologia semelhante. Neles não temos a pretensão de uma nova teologia, antes, a explicação dos credos aceitos pela igreja. Portanto, mais do que uma teologia inovadora, temos uma visão nova e paradoxalmente restauradora das antigas doutrinas das Escrituras.

O que foram os séculos 4º e 5º para a elaboração dos Credos, foram os séculos 16 e 17 para a confecção das Confissões e Catecismos. A razão nos parece evidente: na Reforma, as igrejas logo sentiram a necessidade de formalizar a sua fé, apresentando sua interpretação sobre diversos assuntos que as distinguiu da igreja romana. Com o passar do tempo, surgem outras denominações dentro da Reforma, que discordavam entre si sobre alguns pontos, daí a necessidade de estabelecer cada uma de per si os seus princípios doutrinários.

João Calvino (1509-1564) já combatiera a “fé implícita”<sup>30</sup> – que era patente na teologia católica –, declarando que a nossa fé deve ser “explícita”. No entanto, ele ressalta que devido ao fato de que nem tudo foi revelado por Deus, bem como à nossa ignorância e pequenez espiritual, muito do que cremos permanecerá nesta vida de forma implícita.

<sup>28</sup> Cf. ABBAGNANO; VISALBERGHI, *Historia de la pedagogia*, p. 154. “De uma dezena de universidades ativas em torno de 1250, passou-se a 28 em 1378, 63 em 1500. É impossível medir os efetivos totais reunidos por essas universidades, mas o crescimento é inegável. Se as universidades mais antigas puderam atingir, no século 15, um nível aliás elevado (cerca de 4000 estudantes em Paris, 2000 em Bolonha, 1700 em Oxford), as novas criações acusaram em certos lugares desenvolvimento espetacular: na Alemanha, por volta de 1500, cerca de 3000 novos estudantes matriculavam-se todos os anos. Esse êxito quantitativo pelo menos mostra bem que, do século 13 ao 15, as universidades não deixaram de atender, de modo julgado satisfatório pelos contemporâneos, a ‘demanda social’, em parte delas próprias, em parte sob pressão das autoridades que as controlavam” (VERGER, Universidade. In: LE GOFF; SCHMITT (Orgs.), *Dicionário temático do ocidente medieval*, v. 2, p. 583-584).

<sup>29</sup> Para maiores detalhes, Ver: COSTA, Hermisten M. P. Os Símbolos de Fé na história: Sua relevância e limitações: In: *Fides Reformata*, São Paulo: Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, 9/1, (2004), p. 51-75.

<sup>30</sup> Que chama de “espectro papista” (CALVINO, João. *Exposição de Romanos*. São Paulo: Paracletos, 1997, (Rm 10.17), p. 375) e, “fé forjada e implícita inventada pelos papistas. Pois por fé implícita eles querem dizer algo destituído de toda luz da razão” (CALVINO, João. *As Pastorais*. São Paulo: Paracletos, 1998, (Tt 1.1), p. 299), que “separa a fé da Palavra de Deus” (CALVINO, *Exposição de Romanos*, (Rm 10.17), p. 375).

Depois de um extenso comentário, ele nos diz:

Certamente que não nego (de que ignorância somos cercados!) que muitas cousas nos sejam agora implícitas, e ainda o hajam de ser, até que, deposta a massa da carne, nos hajamos achegado mais perto à presença de Deus, cousas essas em que nada pareça mais conveniente que suspender julgamento, mas firmar o ânimo a manter a unidade com a Igreja. Com este pretexto, porém, adornar com o nome de fé à ignorância temperada com humildade, é o cúmulo do absurdo. Ora, a fé jaz no conhecimento de Deus e de Cristo (Jo 17.3), não na reverência à Igreja.<sup>31</sup>

Em outro lugar:

Que costume é esse de professar o evangelho sem saber o que ele significa? Para os papistas, que se deixam dominar pela fé implícita, tal coisa pode ser suficiente. Mas para os cristãos não existe fé onde não haja conhecimento.<sup>32</sup>

Pelas palavras de Calvino, podemos observar a necessidade latente do ensino e estudo constante da Palavra de Deus, a fim de que cada homem, sendo como é, responsável diante de Deus, tenha condições de se posicionar diante de Deus de forma consciente. A fé explícita é patenteada pela igreja por intermédio do ensino da Palavra.

Ele entende que a prática de afastar o povo da Palavra, mantendo-o na ignorância, é uma atitude anticristã e, conseqüentemente, altamente prejudicial: “Daqui se faz evidente que espécie de cristianismo existe dentro do papado, onde não só é a crassa ignorância exaltada em nome da simplicidade, mas também o povo é rigidamente proibido de buscar o real discernimento”.<sup>33</sup> Ao mesmo tempo lamenta que nem todos, mesmo tendo oportunidade, têm usado deste privilégio: o estudo das Escrituras:

A Palavra de Deus, a única norma do genuíno discernimento, a qual é aqui declarada como indispensável a todos os cristãos. Mesmo entre os que já foram libertados de tão diabólica proibição e que já desfrutam da liberdade de aprender, há, não obstante, indiferença tanto em ouvir quanto em ler. Quando negligenciamos tal disciplina, nos tornamos insensíveis e destituídos de todo e qualquer discernimento.<sup>34</sup>

<sup>31</sup> CALVINO, João. *As Institutas*. Campinas/São Paulo: Luz para o Caminho/Casa Editora Presbiteriana, 1985-1989, v. 3, III.I.3.

<sup>32</sup> CALVINO, João. *Gálatas*. São Paulo: Paracletos, 1998, (Gl 1.2), p. 25.

<sup>33</sup> CALVINO, João. *Exposição de Hebreus*. São Paulo: Paracletos, 1997, (Hb 5.14), p. 143.

<sup>34</sup> Ibid.

## 1.2 Os Credos da Reforma como expressão de fé

Paul Tillich (1886-1965), interpretando o conceito de “fé explícita”, diz:

Cada indivíduo deve ser capaz de confessar os próprios pecados, experimentar o significado do arrependimento, e se tornar certo de sua salvação em Cristo. Essa exigência gerava um problema no protestantismo. Significava que todas as pessoas precisavam ter o mesmo conhecimento básico das doutrinas fundamentais da fé cristã. No ensino dessas doutrinas não se emprega o mesmo método para o povo comum e para os candidatos às ordens, ou para os futuros professores de teologia, com a prática do latim e grego, da história da exegese e do pensamento cristão. Como se pode ensinar a todos? Naturalmente, apenas se tornarmos o ensino extremamente simples.<sup>35</sup>

Nesse contexto e, com objetivos eminentemente didáticos, surgem os catecismos (gr. *κατηχέω* = “ensinar”, “instruir”, “informar”; cf. Lc 1.4; At 18.25; 21.21,24; Rm 2.18; 1Co 14.19; Gl 6.6.), constituídos, ainda que não exclusivamente, com perguntas e respostas. Até o século 16, a palavra “catecismo” não tinha sido usada neste sentido.<sup>36</sup> Os catecismos visavam servir para instruir as crianças e os adultos.<sup>37</sup> Este é o motivo que contribuiu decisivamente para a proliferação de catecismos, sendo que a maioria deles jamais passou da forma manuscrita, visto que muitos pastores os elaboravam apenas para a sua congregação local, visando atender às suas necessidades doutrinárias.<sup>38</sup>

As diversas “Confissões” protestantes compostas visavam preservar a sã doutrina, objetivavam tornar clara e objetiva a fé dos crentes. Essas declarações de fé precisavam ser, até certo ponto, completas. Entretanto, deveriam ao mesmo tempo ser simples, para que o crente comum (não iniciado nas questões teológicas) pudesse entender o que estava sendo dito. Confrontando este ensinamento com a Palavra de Deus, o crente teria, assim, uma compreensão bíblica da sua fé. O ser humano é responsável diante de Deus; ele dará contas de si mesmo ao seu Criador. Portanto, tendo oportunidade, precisa conhecer devidamente a Palavra de Deus em toda a sua plenitude revelada.

<sup>35</sup> TILLICH, Paul. *Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX*. São Paulo: ASTE, 1986, p. 41.

<sup>36</sup> Cf. WRIGHT, D. F. Catecismos: In: ELWELL, Walter A. (Org.). *Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1988-1990, v. I, p. 249.

<sup>37</sup> Ver: LUTERO, M. Catecismo Maior, prefácio, II.1-6: In: *Os catecismos*, Porto Alegre/São Leopoldo: Concórdia/Sinodal, 1983, p. 391. Ver também: MCGRATH, Alister E. *Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã*. São Paulo: Shedd Publicações, 2005, p. 106.

<sup>38</sup> Daqui depreende-se que não foram somente eruditos que escreveram catecismos, mas também pastores, que estavam preocupados especificamente com a sua comunidade local (ver WRIGHT, David. F. *Catechism*: MCKIM, Donald K. (Org.). *Encyclopedia of the Reformed faith*. Louisville, KY: Westminster, 1992, p. 60).



## 2. CALVINO E A ACADEMIA

### 2.1 *Calvino, o humanista*<sup>39</sup>

Já bem cedo Calvino revela o seu fino método de análise filológica e literária aprendido com os humanistas.<sup>40</sup> Ele evidencia isso em sua primeira obra escrita,<sup>41</sup> publicada inclusive com os seus próprios recursos:<sup>42</sup> a edição comentada do livro de Sêneca, *De Clementia* (4 de abril de 1532). Trata-se do “principal monumento dos conhecimentos humanísticos do jovem Calvino”, diz McNeill;<sup>43</sup> o “sólido trabalho de um humanista muito jovem e já brilhante”, comenta Boisset;<sup>44</sup> um “erudito de primeira linha”, acrescenta Parker.<sup>45</sup> Resume um teólogo católico especialista em Calvino, Ganoczy: “O seu comentário sobre *De Clementia* é a epítome de um estudo humanista de um documento antigo”.<sup>46</sup> Nessa obra – da qual uma cópia foi enviada a Erasmo –, o então jovem autor (23 anos), já revelava o seu gosto literário, erudição,<sup>47</sup> amplo conhecimento da literatura grega e romana, uma perspectiva sóbria e um estilo próprio de análise – lapidado dentro de uma análise filológica e literária da melhor qualidade – que se tornaria uma de suas marcas em seus comentários bíblicos. Já nesse trabalho pioneiro, Calvino parece desafiar o soberano, quando define o tirano como aquele que governa contra a vontade de seu povo e, seguindo a concepção de Aristóteles (384-322 a.C.),<sup>48</sup> interpreta a tirania como

<sup>39</sup> Para uma discussão mais ampla, Ver: COSTA, Hermisten M. P. da. João Calvino: O humanista subordinado ao Deus da Palavra – a propósito dos 490 anos de seu nascimento. *Fides Reformata* 4/2 (1999), p. 155-182, e Idem, *Raízes da teologia contemporânea*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 94ss.

<sup>40</sup> Cf. SILVA, Moisés. Em favor da hermenêutica de Calvino. In: KAISER JR., Walter C.; SILVA, Moisés. *Introdução à hermenêutica bíblica*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 246-247.

<sup>41</sup> Não consideramos aqui o prefácio de Calvino ao trabalho de seu amigo Nicholas Duchemin, *Antapologia*, (06/03/1531).

<sup>42</sup> Cf. CALVIN, John. To Francis Daniel, *John Calvin collection*, [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 1998), (23/05/1532), nº 5, p. 37 e CALVIN, John. To Francis Daniel, *John Calvin collection*, [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 1998), (1532), nº 6, p. 38.

<sup>43</sup> MCNEILL, John T. *The history and character of Calvinism*. New York: Oxford University Press, 1954, p. 104. “Os Comentários sobre Sêneca foram de certo modo a culminação do humanismo do jovem Calvino” (BREEN, Quirinus. *John Calvin: A study in French humanism*. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1931, p. 67).

<sup>44</sup> BOISSET, Jean. *História do Protestantismo*, p. 57.

<sup>45</sup> PARKER, T. H. L. *Portrait of Calvin*. London: SCM Press, 1954, p. 19.

<sup>46</sup> GANOCZY, Alexandre. *The young Calvin*. Philadelphia: The Westminster Press, 1987, p. 179.

<sup>47</sup> George a denomina uma “obra-prima de erudição” (GEORGE, Timothy. *Teologia dos reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 171).

<sup>48</sup> Aristóteles escrevera que “na tirania há pouca ou nenhuma amizade. Com efeito, onde nada aproxima o governante dos governados não pode haver amizade, uma vez que não há justiça” (ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Os Pensadores, v. IV. São Paulo: Abril Cultural, 1973, VIII.11, 1160 30, p. 391).

“uma transgressão dos verdadeiros limites de realeza”,<sup>49</sup> revelando, ainda que embrionariamente, a sua ousadia, que tão bem caracterizará a sua vida como pregador, escritor e administrador. Esta perspectiva humanista vai ser o fator determinante na sua aproximação pedagógica.<sup>50</sup>

Podemos dizer no sentido mais pleno da palavra que Calvino era um genuíno humanista, estando profundamente interessado pelo ser humano.

## 2.2 O conceito de Graça Comum e suas implicações culturais

Calvino dispunha de uma visão ampla da cultura, entendendo que Deus é Senhor de todas as coisas; por isso, toda verdade é verdade de Deus. Esta perspectiva amparava-se no conceito da “Graça Comum” ou “Graça Geral” de Deus sobre todos os homens.<sup>51</sup> Ele diz:

.... visto que toda verdade procede de Deus, se algum ímpio disser algo verdadeiro, não devemos rejeitá-lo, porquanto o mesmo procede de Deus. Além disso, visto que todas as coisas procedem de Deus, que mal haveria em empregar, para sua glória, tudo quanto pode ser corretamente usado dessa forma?.<sup>52</sup>

<sup>49</sup> CALVIN, John. Commentary on Seneca's De Clementia, *John Calvin collection*, [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 1998), p. 133.

<sup>50</sup> Cf. REID, W. Stanford. Calvin and the founding of the Academy of Geneva: In: *Westminster Theological Journal* 18 (1955), p. 4.

<sup>51</sup> Cf. CALVINO, *As Institutas*, II.2.16-17,27; II.3.4. Esta doutrina, que nada mais é do que a compreensão de que o Espírito Santo exerce influência comum sobre os homens em geral, pode ser resumida em três pontos: 1) Uma atitude favorável da parte de Deus para com a humanidade em geral – eleitos e réprobos –, concedendo-lhes os bens necessários à sua existência: chuva, sol, água, alimento, vestuário, abrigo; 2) A restrição do pecado feita pelo Espírito Santo na vida dos indivíduos e na sociedade: “A obra da graça divina se vê em tudo que Deus faz para restringir a devastadora influência e desenvolvimento do pecado no mundo...” (BERKHOF, L. *Teologia sistemática*. Campinas, SP: Luz para o Caminho, 1990, p. 436); 3) A possibilidade da aplicação da justiça civil por parte do não regenerado: Aquilo que é certo nas atividades civis ou naturais. No entanto, deve ser dito que esta graça: a) Não remove a culpa do pecado; b) Não suspende a sentença de condenação, portanto, o homem continua sob o juízo de Deus. Deste modo, esta ação do Espírito deve ser distinta da Sua operação efetiva no coração dos eleitos através da qual Ele os regenera.

<sup>52</sup> CALVINO, *As Pastorais*, (Tt 1.12), p. 318. Ver também: CALVINO, *As Institutas*, I.5.2; I.15.6; II.2.13,15, 16. CALVIN, John. To Bucer, Letters, *John Calvin collection*, [CD-ROM], (Albany, OR: Ages Software, 1998), Fevereiro de 1549, nº 236. Fiel a esse princípio, na Academia de Genebra, estudavam-se autores gregos e latinos, tais como: Heródoto, Xenofonte, Homero, Demóstenes, Plutarco, Platão, Cícero, Virgílio, Ovídio, entre outros. (Ver: SCHAFF, Philip. *History of the Christian church*. Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1996, v. VIII, p. 805; WALLACE, Ronald S. *Calvino, Genebra e a Reforma*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2003, p. 88). Nas Institutas, escreveu: “Admito que a leitura de Demóstenes ou Cícero, de Platão ou Aristóteles, ou de qualquer outro da classe deles, nos atrai maravilhosamente, nos deleita e nos comovem ao ponto de nos arrebatarem” (CALVINO, João. *As Institutas da Religião Cristã*: edição especial com notas para estudo e pesquisa. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, v. I. I.24. p. 74). Ver também: CAMPOS, Heber Carlos de. A “filosofia educacional” de Calvino e a fundação da Academia de Genebra. In: *Fides Reformata* 5/1 (2000): 41-56, p. 51.

Em outro lugar:

Se reputamos ser o Espírito de Deus a fonte única da verdade mesma, onde quer que ela haja de aparecer, nem a rejeitaremos, nem a desprezaremos, a menos que queiramos ser insultuosos para com o Espírito de Deus.<sup>53</sup>

Por exemplo em passagem magistral, analisando Gn 4.20, destaca o fato de que mesmo na amaldiçoada descendência de Caim, há espaço para a graça de Deus, concedendo-lhe dons que permitissem a invenção das artes e de outras coisas úteis para a vida presente. “Verdadeiramente é maravilhoso, que esta raça que tinha caído profundamente de sua integridade superaria o resto da posteridade de Adão com raros dons”.<sup>54</sup> Entende que Moisés registrou isso para realçar a graça de Deus que não se tornou vã sobre estes homens, visto que “havia entre os filhos de Adão homens trabalhadores e habilidosos, que exerceram sua diligência na invenção e no cultivo da arte”.<sup>55</sup> Por isso, as “artes liberais (Humanidades) e ciências chegaram até nós pelos pagãos. Realmente, somos compelidos a reconhecer que recebemos deles a astronomia e outras partes da filosofia, a medicina e a ordem do governo civil”.<sup>56</sup>

Hooykaas (1906-1994) resume o humanismo de Calvino: “Ele era um humanista talentoso e realista demais para aceitar que a Queda tivesse levado o homem a uma total depravação no campo científico”.<sup>57</sup>

Calvino entendia que as ciências e humanidades deveriam ser usadas para a glória de Deus. Portanto devemos nos valer dos recursos disponíveis, como por exemplo, para proclamar o Evangelho. A visão teológica de Calvino permeada pela soberania de Deus, fez com que ele procurasse relacionar a aplicação desta soberania às diversas atividades culturais do ser humano.<sup>58</sup>

<sup>53</sup> CALVINO, *As Institutas*, II.2.15. Ele acrescenta: “... Se o Senhor nos quis deste modo ajudados pela obra e ministério dos ímpios na física, na dialética, na matemática e nas demais áreas do saber, façamos uso destas, para que não soframos o justo castigo de nossa displicência, se negligenciarmos as dádivas de Deus nelas graciosamente oferecidas” (CALVINO, *As Institutas*, II.2.16). (Ver CALVINO, *As Institutas*, I.5.2; II.2.12-17).

<sup>54</sup> CALVIN, John. *Calvin's commentaries*. Reprinted. Grand Rapids, Michigan: Baker, 1996 v. I, (Gn 4.20), p. 217.

<sup>55</sup> CALVIN, *Calvin's commentaries*, v. I, (Gn 4.20), p. 218.

<sup>56</sup> Ibid. “É bem verdade que os que receberam instrução sobre as artes liberais, ou que provaram algo delas têm nesse conhecimento uma ajuda especial para aprofundar-se nos segredos da sabedoria divina” (CALVINO, *As Institutas*: edição especial, v. I, I.11, p. 63).

<sup>57</sup> HOOYKAAS, R. *A religião e o desenvolvimento da ciência moderna*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1988, p. 152. Ver: CALVINO, *As Institutas*, II.12-13; WALLACE, *Calvino, Genebra e a Reforma*, p. 11-12; 91-96.

<sup>58</sup> Ver: SPYKMAN, Gordon J. Sphere-sovereignty in Calvin and the calvinist tradition. In: HOLWERDA, David E. (Org.). *Exploring the heritage of John Calvin*. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1976, p. 165.

### 2.3 A Academia de Genebra: erudição e piedade como missão

Calvino, que estudara nos *Collège de la Marche*,<sup>59</sup> *Collège de Montaigu*,<sup>60</sup> Universidade de Orléans e Universidade de Bourges, tendo como mestres alguns dos grandes professores de sua época,<sup>61</sup> conhecia bem a dureza (Montaigu), estrutura e rotina universitária. Antes de ser um teólogo ele fora um humanista.<sup>62</sup> A sua filosofia de ensino reflete a sua apurada formação e maturidade intelectual<sup>63</sup> dentro de um referencial que partia das Escrituras, tendo a soberania de Deus como princípio orientador e a glória de Deus como fim de todas as coisas, inclusive de nosso saber.<sup>64</sup>

Já na sua primeira permanência em Genebra (1536-1538) insistiu junto aos Conselhos para melhorar as próprias condições do ensino, bem como os recursos das escolas. Ele apresentou ao conselho municipal um projeto educacional (1536) gratuito que se destinava a todas as crianças – meninos e meninas –, tendo um grande apoio público.<sup>65</sup> Desta proposta surgiu o *Collège de Rive*. Temos aqui o surgimento da primeira escola primária, gratuita e obrigatória de toda a Europa:<sup>66</sup> “Popular, gratuita e obrigatória”.<sup>67</sup> No entanto

<sup>59</sup> McGrath discute a possibilidade de esta interpretação tradicional ser equivocada. Em sua opinião Calvino não estudou no *Collège de la Marche* (ver: MCGRATH, Alister E. *A vida de João Calvino*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004, p. 37-43).

<sup>60</sup> As regras do *Collège de Montaigu* eram bastante rígidas e a alimentação precária. É famosa a descrição de Erasmo a respeito desta Escola. Entre outros trabalhos, Ver: ERASMUS, D. *The colloquies of Erasmus*. Chicago: The University of Chicago Press, 1965, p. 351-353; BAINTON, Roland H. *Erasmo da cristandade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1988, p. 39ss.; MCGRATH, *A vida de João Calvino*, p. 44-45. Para um estudo detalhado de Montaigu, a obra clássica é: GODET, Marcel. *La congrégation de Montaigu*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1912.

<sup>61</sup> Ver: COSTA, Hermisten M. P. *Raízes da teologia contemporânea*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 89-92.

<sup>62</sup> BORGEAUD, Charles. *Histoire de l'Université de Genève*. Genève: Georg & C<sup>o</sup>, Libraires de L'Université, 1900, p. 21.

<sup>63</sup> BATTLES, Ford L. *Interpreting John Calvin*. Grand Rapids, Michigan: Baker Books, 1996, p. 47.

<sup>64</sup> “Não busquemos as cousas que são nossas, mas aquelas que não somente sejam da vontade do Senhor, como também contribuam para promover-lhe a glória” (CALVINO, *As Institutas*, III.7.2). “Não há glória real senão em Deus” (CALVINO, *As Pastorais*, (1 Tm 1.17), p. 46). Ver o verbete “Glória”, In: COSTA, Hermisten M. P. *Calvino de A a Z*. São Paulo: Vida, 2006, p. 138-140.

<sup>65</sup> Cf. LOPES, Edson Pereira. *O conceito de teologia e pedagogia na Didática Magna de Comenius*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2003, p. 67.

<sup>66</sup> MCNEILL, *The history and character of Calvinism*, p. 135. Entre outros: BORGEAUD, *Histoire de l'Université de Genève*, p. 16-18; LUZURIAGA, Lorenzo. *História da educação pública*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959, p. 1, 5-6; TOWNS, Elmer L. John Calvin. In: TOWNS, Elmer L. (Org.). *A history of religious educators*. Michigan: Baker Book House, 1985, p. 168-169; SCHAFF, *History of the Christian church*, v. VIII, p. 804.

<sup>67</sup> CHOISY, Eugène. *L'état chrétien calviniste: Genève au XVI<sup>me</sup> siècle*. Genève: Librairie Georg & Cia, 1909, p. 9.

o Collège de Rive encerrou suas atividades durante o período de Calvino em Estrasburgo (1538-1541), sendo reativado com a sua volta definitiva para Genebra (1541).<sup>68</sup>

A partir de 1541, com todas as lutas que enfrentou em Genebra, pôde, contudo, reestruturar o sistema educacional desta cidade. Visto que o Estado estava empobrecido, apelou para doações e legados.<sup>69</sup> Fiel ao seu princípio de que “...as escolas teológicas [são] berçários de pastores”,<sup>70</sup> Calvino, que havia trabalhado com Johannes Sturm (1507-1589) em Estrasburgo (1538-1541),<sup>71</sup> criou uma Academia em Genebra<sup>72</sup> (*Schola Privata*<sup>73</sup> e *Schola Publica*) tendo o culto inaugural em 5 de junho de 1559 no templo de Saint-Pierre.<sup>74</sup> Como

<sup>68</sup> BATTLES, *Interpreting John Calvin*, p. 61-62; MCNEILL, *The history and character of Calvinism*, p. 192; PAZMIÑO, Robert W. *Temas fundamentais da educação cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 149.

<sup>69</sup> Calvino pessoalmente chegou a sair pedindo donativos de casa em casa para a escola. Ver: BIÉLER, André. *O pensamento econômico e social de Calvino*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990, p. 192-193; SCHAFF, *History of the Christian church*, v. VIII, p. 804-805; WALLACE, *Calvino, Genebra e a Reforma*, p. 88. Ver, também, LUZURIAGA, *História da educação e da pedagogia*, p. 108-116; NUNES, Ruy A. C. *História da educação no Renascimento*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1980, p. 97-102; GILES, T.R. *História da educação*. São Paulo: EPU, 1987, p. 119-128; FERREIRA, Wilson C. *Calvino: Vida, influência e teologia*. Campinas, SP: Luz para o Caminho, 1985, p. 193, 196.

<sup>70</sup> CALVINO, *As Pastorais*, (1Tm 3.1), p. 82. Schaff usa essa expressão referindo-se à Academia de Genebra, um “berçário de pregadores evangélicos” (SCHAFF, *History of the Christian church*, v. VIII, p. 820).

<sup>71</sup> Ver: REID, W. Stanford. Calvin and the founding of the Academy of Geneva. In: *Westminster Theological Journal*, 18, (1955), p. 5. Em Estrasburgo, diferentemente de Genebra, a “escolarização era uma prioridade suprema” e “alguns dos maiores especialistas em Educação daquele tempo estavam trabalhando ali” (WALLACE, *Calvino, Genebra e a Reforma*, p. 87). O próprio Johannes Sturm que foi para Estrasburgo em 1536, criou e organizou o sistema educacional (junho de 1537), organizando o Ginásio de Estrasburgo, fundado em 22/03/1538, sendo o seu primeiro reitor, mantendo-se neste cargo por 43 anos. O seu lema era: “piedade sábia e eloqüente” (*sapiens atque eloquens pietas*) (Cf. NUNES, *História da educação no Renascimento*, p. 182. Ver também: REID, Calvin and the founding of the Academy of Geneva. In: *Westminster Theological Journal* 18 (1955), p. 5).

<sup>72</sup> Aprovada a criação em 16/03/1559.

<sup>73</sup> Esta com 280 alunos (Cf. Diener-Wyss *Apud* GREGGERSEN, Gabriele. Perspectivas para a educação cristã em João Calvino. *Fides Reformata* 7/2 (2002): 61-83, p. 69).

<sup>74</sup> Data da sessão solene de inauguração, presidida por Calvino (BORGEAUD, *Histoire de l'Université de Genève*, p. 48; BIÉLER, *O pensamento econômico e social de Calvino*, p. 192; SCHAFF, *History of the Christian church*, v. VIII, p. 805; Calvin, *Textes choisis par Charles Gagnebin*, Paris, Eglhoff, 1948, p. 302; VAN HALSEMA, Thea B. *João Calvino era assim*. São Paulo: Editora Vida Evangélica, 1968, p. 195). Na ocasião estavam presentes todo Conselho e os ministros. Calvino rogou a bênção de Deus sobre a Academia, a qual estava sendo dedicada à ciência e religião. Michael Roset, o secretário de Estado, leu a Confissão de Fé e os estatutos da escola preparados por Calvino que regeriam a instituição (*Leges academiae genevesis*). Beza foi proclamado reitor, ministrando uma aula inaugural em latim. A reunião foi encerrada com uma breve palavra de Calvino dita em francês e oração pelo próprio (Cf. BORGEAUD, *Histoire l'université de Genève*, p. 48-49; SCHAFF, *History of the Christian church*, v. VIII, p. 805; VAN HALSEMA, *João Calvino era assim*, p. 195; MCNEILL,

diz Compayré, a Academia teve uma origem modesta.<sup>75</sup> Calvino, no entanto, esforçou-se por constituir um corpo docente competente, sendo ajudado neste propósito por um incidente político. Alguns ministros de Lausanne que em 1558 haviam protestado contra a proposição de Berna a respeito da autoridade secular foram depostos em janeiro de 1559, vindo para Genebra.<sup>76</sup> No entanto, a Academia no seu início teve apenas cinco professores: João Calvino e Theodore Beza (1519-1605) que revezavam no ensino de teologia; Antoine-Raoul Chevalier ou Le Chevalier (1507-1572), professor de hebraico; François Bérauld, professor de grego, e Jean Tagaut († 1560), professor de artes (filosofia).<sup>77</sup>

A base da formação educacional em Genebra era a Bíblia. Competia à família<sup>78</sup> (apesar de suas limitações iniciais) e ao Estado o cuidado com a educação. No entanto, a igreja tinha um papel especialíssimo. “Por essa razão, os ministros da Palavra assumiriam a tarefa da educação nas escolas elementares e nos colégios de Genebra”.<sup>79</sup>

---

*The history and character of Calvinism*, p.194). John Knox (1515-1572), antigo aluno da Academia, escreveria mais tarde a uma amiga (1556), dizendo ser a Igreja de Genebra “a mais perfeita escola de Cristo que jamais houve na terra desde os dias dos Apóstolos” (MCNEILL, *The history and character of calvinism*, p. 178; SCHAFF, *History of the Christian church*, v. VIII, p. 263; Idem., *The creeds of Christendom*, 6ª ed. Revised and Enlarged, Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1931, v. I, p. 460; GEORGE, *Teologia dos reformadores*, p. 167). Schaff observa que havia uma faculdade em Genebra, desde 1428, chamada “Faculdade Versonnex” (L'école de Versonnex), que se destinava à preparação de clérigos; no entanto ela havia entrado em decadência, sendo reorganizada por Calvino em 1541. A instrução era gratuita. (Ver: BORGAEUD, *Histoire de l'Université de Genève*, p. 13-18). Ainda segundo Schaff, Calvino incentivou a educação fundando diversas escolas estrategicamente distribuídas na cidade. As taxas eram baixas até que foram abolidas (1571) conforme pedido de Beza. “Calvino às vezes é chamado o fundador do sistema de escola pública”. Ele desejava criar uma grande universidade, todavia, os recursos da República eram pequenos para isso, assim ele se limitou à Academia. Contudo até para criar a Academia ele teve de pedir de casa em casa donativos, conseguindo arrecadar a soma respeitável de 10,024 guilders de ouro. Também, diversos estrangeiros que ali residiam contribuíram generosamente, havendo também um genebrino, Bonivard, que doou toda a sua fortuna à instituição (Cf. SCHAFF, *History of the Christian church*, v. VIII, p. 804-805; BORGAEUD, *Histoire de l'Université de Genève*, p. 214.).

<sup>75</sup> COMPAYRÉ, Gabriel. *Histoire critique des doctrines de l'éducation en France depuis le seizième siècle*. 7ª ed. Paris: Librairie Hachette Et Cie. 1904, v. I, p. 149.

<sup>76</sup> Cf. MCNEILL, *The history and character of Calvinism*, p. 193; BIÉLER, *O pensamento econômico e social de Calvino*, p. 192; BATTLES, *Interpreting John Calvin*, p. 62.

<sup>77</sup> BORGAEUD, *Histoire de l'Université de Genève*, p. 64-68; 638; COMPAYRÉ, *Histoire critique des doctrines de l'éducation en France depuis le seizième siècle*, v. I, p. 149; REID, Calvin and the founding of the Academy of Geneva. In: *Westminster Theological Journal*, 18, (1955), p. 10.

<sup>78</sup> Ver: PAZMIÑO, *Temas fundamentais da educação cristã*, p. 148-149.

<sup>79</sup> CAMPOS, A “filosofia educacional” de Calvino e a fundação da Academia de Genebra. *Fides Reformata* 5/1 (2000): 41-56, p. 45.

A Academia (*Schola Privata*<sup>80</sup> e *Schola Publica*) iniciou com 600 alunos, aumentando já no primeiro ano para 900 alunos.<sup>81</sup> Coube-lhe a educação dos protestantes de língua francesa, atingindo em sua maioria alunos estrangeiros vindos da França, Holanda, Inglaterra, Alemanha, Itália e de outras cidades da Suíça.<sup>82</sup> Calvino não concebia a Academia distante da igreja, antes sustentava dois princípios fundamentais: a unidade da Academia e a união íntima da Academia com a Igreja.<sup>83</sup> Com este propósito, todos os professores estavam sob a jurisdição disciplinar da igreja, devendo subscrever a Confissão de Fé adotada.<sup>84</sup>

A Instituição estava dividida em duas partes principais: a *Schola Privata* que equivalia ao colégio (*gymnasium*), dividido em sete séries, destinava-se aos jovens de até 16 anos, e a *Schola Publica* ou *Academia*, que continuava

<sup>80</sup> Esta com 280 alunos (Cf. Diener-Wyss, apud GREGGERSEN, *Perspectivas para a educação cristã em João Calvino. Fides Reformata* 7/2 (2002): 61-83, p. 69).

<sup>81</sup> Cf. SCHAFF, *History of the Christian church*, v. VIII, p. 805. Em 1564 a *Schola Privata* contaria com cerca de 1200 alunos e a *Schola Publica* com aproximadamente 300 alunos (Cf. FERREIRA, *Calvino: vida, influência e teologia*, p. 196; BIÉLER, *O pensamento econômico e social de Calvino*, p. 192; DANIEL-ROPS, Henri. *A igreja da Renascença e da Reforma: I. A reforma protestante*. São Paulo: Quadrante, 1996, p. 413; GREGGERSEN, *Perspectivas para a educação cristã em João Calvino*, p. 69).

<sup>82</sup> Genebra chegou a abrigar mais de 6 mil refugiados vindos da França, Itália, Inglaterra, Espanha e Holanda, (Cf. SCHAFF, *History of the Christian church*, v. VIII, p. 802) aumentando este número com os estudantes que para lá se dirigiram com a fundação da Academia de Genebra (1559). Lembremo-nos que a população de Genebra era de 9 a 13 mil habitantes (9 mil segundo Reid (REID, W. S. *A propagação do calvinismo no século XVI*. In: REID, W. Stanford. (Org.). *Calvino e sua influência no mundo ocidental*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990, p. 52; 12 mil conforme McNeill (MCNEILL, J. T. *Los forjadores del cristianismo*. Buenos Aires: La Aurora/Casa Unida de Publicaciones, [1956], v. II, p. 211); 13 mil de acordo com Nichols (Nichols, Robert H. *História da igreja cristã*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1978, p. 164); em torno de 10 mil (NAPHY, William G. *Calvin and the consolidation of the Genevan Reformation*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2003, p. 21, 36). O fato é que em 1550 Genebra dispunha de 13.100 habitantes, saltando para 21.400 em 1560. Dez anos depois, em 1570, a população voltaria a 16.000. A casa dos 20 mil habitantes só seria ultrapassada em 1720, atingindo 20.800 (Cf. PERRENOUD, Alfred. *La population de Genève du seizième au début du dix-neuvième siècle: étude démographique*. Genève: Librairie A. Jullien, 1979, v. 1, p. 37). Schaff apresenta dados mais específicos relativos a cada período: Cerca de 12 mil habitantes no início do século 16, aumentando para mais de 13 mil em 1543, tendo um surto de crescimento de 1543 a 1550, quando a população saltou para 20 mil (SCHAFF, *History of the Christian church*, v. VIII, p. 802. Ver também: LINDSAY, Tomas M. *La Reforma y su desarrollo social*. Barcelona: CLIE, (1986), p. 117; VAN HALSEMA, *João Calvino era assim*, p. 193). Segundo McGrath, em 1550 a população foi estimada em 13.100 habitantes. Em 1560 era de 21.400 habitantes. (MCGRATH, *A vida de João Calvino*, p. 145). Biéler estima 10.300 habitantes em 1537, chegando a 13.000 em 1589 (BIÉLER, *O pensamento econômico e social de Calvino*, p. 216, 220, 251 (nota 514)).

<sup>83</sup> BORGEAUD, *Histoire de l'Université de Genève*, p. 79.

<sup>84</sup> TOWNS, John Calvin. In: TOWNS (Org.), *A history of religious educators*. p. 170.

o colégio, ministrando ensino superior.<sup>85</sup> O currículo incluía disciplinas tais como: teologia, hebraico, grego, filosofia, matemática e retórica. Entre outros, eram estudados autores gregos e latinos como Heródoto, Xenofonte, Homero, Demóstenes, Plutarco, Platão, Cícero, Virgílio e Ovídio.<sup>86</sup> Nas *Institutas*, Calvino escreveu: “Admito que a leitura de Demóstenes ou Cícero, de Platão ou Aristóteles, ou de qualquer outro da classe deles, nos atrai maravilhosamente, nos deleita e nos comove ao ponto de nos arrebatarmos”.<sup>87</sup>

Com o estabelecimento da Academia, o historiador Charles Borgeaud (1861-1941), antigo professor da Universidade de Genebra, disse que “Esta foi a primeira fortaleza da liberdade nos tempos modernos”.<sup>88</sup>

Além disso, Genebra se tornou um grande centro missionário, uma verdadeira “escola de missões”, porque os refugiados que lá se instalaram, puderam, posteriormente, levar para os seus países e cidades o evangelho ali aprendido.<sup>89</sup> “O estabelecimento da Academia foi em parte realizado por causa do desejo de suprir e treinar missionários evangélicos”, informa-nos Mackinnon.<sup>90</sup> Destacamos que, com exceção de Isaías, todos os comentários de Calvino sobre os profetas “consistem em sermões direcionados a alunos em treinamento para o trabalho missionário, principalmente na França”.<sup>91</sup>

Este objetivo da Academia faz jus à compreensão missionária de Calvino. Comentando 1Tm 2.4, ele afirma: “... nenhuma nação da terra e nenhuma classe social são excluídas da salvação, visto que Deus quer oferecer o Evangelho a todos sem exceção”.<sup>92</sup> Por isso, “o Senhor ordena aos ministros do Evangelho (que preguem) em lugares distantes, com o propósito de espalhar a doutrina da salvação em cada parte do mundo”.<sup>93</sup> Analisando uma das implicações da

<sup>85</sup> Ver: WALLACE, *Calvino, Genebra e a Reforma*, p. 88; GUTEK, Gerald L. *Historical and philosophical foundations of education: A biographical introduction*. 3ª Ed., Columbus, Ohio: Merrill Prentice Hall, 2001, p. 92; REID, Calvin and the founding of the Academy of Geneva. *Westminster Theological Journal* 18 (1955), p. 11-17; LOPES, *O conceito de teologia e pedagogia na Didática Magna de Comenius*, p. 67-70; CAMPOS, A “filosofia educacional” de Calvino e a fundação da Academia de Genebra, p. 51-52.

<sup>86</sup> Ver: SCHAFF, *History of the Christian church*, v. VIII, p. 805; WALLACE, *Calvino, Genebra e a Reforma*, p. 88; GUTEK, *Historical and philosophical foundations of education*, p. 92.

<sup>87</sup> CALVINO, *As Institutas*: edição especial, v. I, I.24. p. 74. Ver também: CAMPOS, A “filosofia educacional” de Calvino e a fundação da Academia de Genebra, p. 51.

<sup>88</sup> BORGEAUD, *Histoire de l'Université de Genève*, p. 83.

<sup>89</sup> Para maiores detalhes, ver: COSTA, Hermisten M. P. A Academia de Genebra e a evangelização. *Brasil Presbiteriano*, São Paulo: Cultura Cristã, janeiro de 2009, p. 4-5.

<sup>90</sup> MACKINNON, James. *Calvin and the Reformation*. Londres: Penguin Books, 1936, p. 195.

<sup>91</sup> PARKER, T.H.L. Prefácio à versão inglesa do comentário de Daniel (CALVINO, João. *O Profeta Daniel*: 1-6. São Paulo: Parakletos, 2000, v. 1, p. 13).

<sup>92</sup> CALVINO, *As Pastorais*, (1Tm 2.4), p. 60.

<sup>93</sup> CALVIN, *Calvin's commentaries*, v. XVII, (Mt 28.19), p. 384.



petição “*venha o Teu Reino*”, comenta: “Portanto, nós oramos pedindo que venha o reino de Deus; quer dizer, que todos os dias e cada vez mais o Senhor aumente o número dos Seus súditos e dos que nele crêem...”<sup>94</sup>; “... é nosso dever para proclamar a bondade de Deus a toda nação”.<sup>95</sup>

A Academia tornou-se grandemente respeitada em toda a Europa. O grau concedido aos seus alunos era amplamente aceito e considerado em universidades de países protestantes como, por exemplo, a Holanda. O historiador católico Marc Venard comenta que a Academia “será daí em diante um viveiro de pastores para toda a Europa reformada”.<sup>96</sup> A Academia contribuiu em grandes proporções para fazer de Genebra “um dos faróis do Ocidente”, admite Daniel-Rops.<sup>97</sup> A formação dada em Genebra era intelectual e espiritual; os alunos participavam dos cultos das quartas-feiras bem como em todos os três cultos prestados a Deus no domingo.<sup>98</sup> Um escritor referiu-se a Genebra deste modo: “Deus fez de Genebra Sua Belém, isto é, Sua casa do pão”.<sup>99</sup>

Sem dúvida, entre os Reformadores, Calvino foi quem mais amplamente compreendeu a abrangência das implicações do evangelho nas diversas facetas da vida humana,<sup>100</sup> entendendo que “o Evangelho não é uma doutrina de língua, senão de vida. Não pode assimilar-se somente por meio da razão e da memória, senão que chega a compreender-se de forma total quando ele possui toda a alma e penetra no mais íntimo recesso do coração”.<sup>101</sup> Por isso, ele exerceu poderosa influência sobre a Europa e Estados Unidos. Schaff chega a dizer que Calvino “de certo modo, pode ser considerado o pai da Nova Inglaterra e da República Americana”.<sup>102</sup>

<sup>94</sup> CALVINO, *As Institutas*: edição especial, v. 3, III.9, p. 124.

<sup>95</sup> CALVIN, *Calvin's commentaries*, v. VII, (Is 12.5), p. 403.

<sup>96</sup> VENARD, Marc. O Concílio Lateranense V e o Tridentino. In: ALBERIGO, Giuseppe (Org.). *História dos concílios ecumênicos*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 339. Do mesmo modo escreve Willemart: “Genebra torna-se o centro de formação dos pastores que serão enviados para todas as comunidades francesas e que permitirão a unidade da Igreja Evangélica Reformada” (WILLEMART, Philippe. *A Idade Média e a Renascença na literatura francesa*. São Paulo: Annablume, 2000, p. 42).

<sup>97</sup> DANIEL-ROPS, Henri. *A Igreja da Renascença e da Reforma*: I. A Reforma Protestante, p. 414.

<sup>98</sup> Cf. BAIRD, Charles W. *A liturgia reformada*: ensaio histórico. Santa Bárbara D'Oeste, SP: SOCEP, 2001, p. 29.

<sup>99</sup> Apud BAIRD, *A liturgia reformada*, p. 30.

<sup>100</sup> Ver BIÉLER, *O pensamento econômico e social de Calvino*, p. 188-189.

<sup>101</sup> CALVIN, John. *Golden booklet of the true christian life*. 6ª ed. Grand Rapids, Michigan: Baker, 1977, p. 17.

<sup>102</sup> SCHAFF, *The creeds of Christendom*, v. I, p. 445.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O que é certo, é que a aprendizagem generalizada da leitura e da língua materna nos protestantes impeliu os católicos à imitação: A Reforma tinha transformado a pedagogia” – Marcelle Denis.<sup>103</sup>

“Toda a história moderna ocidental teria sido irreconhecivelmente diferente sem a perpétua influência de Calvino” – John T. McNeill.<sup>104</sup>

A Reforma se valeu amplamente da imprensa como elemento de instrução dos fiéis. “Sempre defendendo a divulgação da palavra impressa, a Alemanha [luterana] liderou a alfabetização europeia no século XVI”.<sup>105</sup> O fator religioso tornou-se fundamental como estímulo à alfabetização.<sup>106</sup>

A Reforma Protestante foi fundamental para o avanço educacional do Ocidente. “Nos países reformados e nas nações católicas, nas cidades e nos campos, no Velho e no Novo Mundo, a familiaridade com a escrita progride, dotando as populações de competências culturais que antes constituíam apanágio de uma minoria”, escreve Roger Chartier.<sup>107</sup> O autor sustenta que foi com o pietismo (luterano) que a prática da leitura se difundiu amplamente na Alemanha.<sup>108</sup> Mais à frente ele reconhece que a leitura e posse de livros se tornaram mais evidentes nos países protestantes.

À frente da Europa que possui livros estão incontestavelmente as cidades dos países protestantes. Por exemplo, em três cidades da Alemanha renana e luterana – Tübingen, Speyer e Frankfurt –, os inventários com livros constituem em meados do século 18 respectivamente 89%, 88% e 77% do total registrado. Assim, é grande a diferença em relação à França católica, seja na capital (na década de 1750 apenas 22% dos inventários parisienses incluem livros), seja na província (nas novas cidades do oeste francês a porcentagem é de 36% em 1757-1758; em Lyon, de 35% na segunda metade do século). Ao contrário, a diferença é pequena com relação a outros países protestantes – mesmo que majoritariamente rurais como, por exemplo, os da América.

No final do século 18, 75% dos inventários no condado de Worcester, em Massachusetts, 63% em Maryland, 63% na Virgínia assinalam a presença de

---

<sup>103</sup> DENIS, Marcelle. A Reforma e a educação. In: MIALARET, Gaston; VIAL, Jean (Orgs.). *História mundial da educação*. Porto: RÉS-Editora, (s.d.), v. 2, p. 193.

<sup>104</sup> MCNEILL, *The history and character of Calvinism*, p. 234.

<sup>105</sup> FISCHER, Steven R. *História da leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006, p. 206.

<sup>106</sup> Ver: ANDRÉS-GALLEGO, José. *História da gente pouco importante: América e Europa até 1789*. Lisboa: Editorial Estampa, 1993, p. 101-107.

<sup>107</sup> CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In: CHARTIER, Roger. (Org.). *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, v. 3, p. 116.

<sup>108</sup> *Ibid.*, p. 121-122. Do mesmo modo, ver: ANDRÉS-GALLEGO, *História da gente pouco importante*, p. 103.

livros – o que traduz um belo progresso em comparação com o século anterior, no qual a porcentagem das melhores regiões não passava de 40%.

Deste modo, a fronteira religiosa parece um fator decisivo no tocante à posse do livro. Nada o mostra melhor que a comparação das bibliotecas das duas comunidades numa mesma cidade. Em Metz, entre 1645-1672, 70% dos inventários dos protestantes incluem livros contra apenas 25% dos inventários católicos. E a distância é sempre muito acentuada, seja qual for a categoria profissional considerada: 75% dos nobres reformados têm livros, mas apenas 22% dos católicos os possuem, e as porcentagens são de 86% e 29% nos meios jurídicos, 88% e 50% na área médica, 100% e 18% entre pequenos funcionários, 85% e 33% entre comerciantes, 52% e 17% entre artesãos, 73% e 5% entre ‘burgueses’, 25% e 9% entre trabalhadores braçais e agrícolas. Mais numerosos como proprietários de livros, os protestantes também possuem mais livros: os reformados membros das profissões liberais têm em média, o triplo dos seus homólogos católicos; a situação é idêntica para comerciantes, artesãos ou pequenos funcionários; e entre os burgueses a diferença é ainda maior, com bibliotecas calvinistas dez vezes mais ricas que as dos católicos.

A essa diferença na posse do livro acrescentam-se outras que opõem a própria economia das bibliotecas às práticas da leitura. Nos países luteranos, seja qual for o nível social de seu proprietário, todas são organizadas em torno do mesmo conjunto de livros religiosos.<sup>109</sup>

Chartier demonstra com alguns testemunhos históricos, que toda a cultura protestante estava vinculada à leitura da Bíblia.<sup>110</sup>

Nos Estados Unidos a história do início da tipografia se confunde com a criação de uma escolinha conhecida hoje como Universidade de Harvard.<sup>111</sup> Os puritanos foram pioneiros em ambas as iniciativas. Apenas seis anos depois de sua chegada a Massachusetts, a Corte Geral da Colônia já havia votado 400 libras para a criação de uma escola ou faculdade (1636).<sup>112</sup> O Colégio foi criado

<sup>109</sup> CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In: CHARTIER, Roger. (Org.), *História da vida privada*, v. 3, p. 131-133.

<sup>110</sup> *Ibid.*, p. 133ss.

<sup>111</sup> O maquinário tipográfico foi trazido da Inglaterra pelo pastor puritano José Glover († 1638) para o colégio que ele, juntamente com outras pessoas, desejava fundar. Glover que já residia na Nova Inglaterra desde 1634-1635, voltara à Inglaterra para adquirir uma máquina tipográfica, papel, tinta e os acessórios necessários para a impressão. No entanto ele morreu durante a viagem de volta (talvez de varíola) (1638), contudo o seu projeto foi levado adiante por sua viúva e pelos homens que trouxera consigo com este fim, o serralleiro Stephen Daye (c. 1594-1668) e seus dois filhos, dos quais um era tipógrafo, Matthew Daye (c. 1619-?).

<sup>112</sup> Cf. MILLER, Perry; JOHNSON, Thomas H. (Orgs.). *The Puritans*. Mineola, New York: Dover Publications, (2 Volumes bounds as one), 1991, p. 700. Do mesmo modo, EBY, Frederick. *História da educação moderna*. 5ª ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1978, p. 209.

em 1636 na vila de New Town<sup>113</sup> recebendo posteriormente este nome (Harvard) em homenagem (1638) ao pastor puritano John Harvard (1607-1638), que havia doado cerca de 800 libras (metade de suas propriedades) e uma biblioteca com 260 títulos perfazendo um total de cerca de 400 volumes.<sup>114</sup> A escola recebeu outros donativos e o Estado completou o resto. A escola foi “mantida durante seus primeiros anos parcialmente pelo sacrifício de fazendeiros, que contribuíram em trigo para sustentar professores e alunos”.<sup>115</sup>

Seis anos depois temos a primeira turma formada. Em 1643 é publicado em Londres um folheto intitulado: *Os Primeiros Frutos da Nova Inglaterra*. Aqui temos uma espécie de histórico da instituição, acompanhado dos seus estatutos e vida cotidiana; ele é um apelo para aquisição de mais fundos. Este documento começa assim:

Depois que Deus nos conduziu sãos e salvos para Nova Inglaterra, e construímos nossas casas e asseguramos o necessário para nossos meios de subsistência, edificamos locais convenientes para o culto de Deus e estabelecemos nosso Governo Civil: *Depois disso, uma das coisas que mais ambicionávamos era incentivar o Ensino e perpetuá-lo para a Posteridade*,<sup>116</sup> temendo deixar um Clero ignorante para as Igrejas, quando nossos atuais Ministros repousarem no pó.<sup>117</sup> (Grifos meus).

A ignorância era algo extremamente temido dentro do modelo educacional reformado-puritano.<sup>118</sup> Para tanto o estudo era amplo, oferecendo uma visão abrangente de todos os ramos do saber, evitando a dicotomia entre o saber religioso e não-religioso, o espiritual e o natural.<sup>119</sup> Como exemplo disso, vemos que “os estudantes ministeriais em Harvard não apenas aprendiam a ler a Bíblia

<sup>113</sup> Depois (1638) chamada de Cambridge, também em homenagem ao Rev. John Harvard que estudara em Cambridge (Ver: BATTLES, Matthew. *A conturbada história das bibliotecas*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003, p. 87).

<sup>114</sup> “Aproximadamente três quartos dos livros eram obras de teologia, a maioria das quais consistia em comentários bíblicos e sermões puritanos. Cícero, Sêneca e Homero figuravam entre as opções clássicas, mas não havia outras obras literárias além dessas. Era, enfim, a coleção de um pastor puritano atuando numa colônia perdida nos confins do Novo Mundo. Mas os livros legitimaram a pequena escola, provendo-a dos fundamentos intelectuais de que uma faculdade necessita” (BATTLES, *A conturbada história das bibliotecas*, p. 87).

<sup>115</sup> RYKEN, Leland. *Santos no mundo*. São José dos Campos, SP: FIEL, 1992, p. 167.

<sup>116</sup> “Entre os fundadores de Harvard estavam 100 diplomados, 70 dos quais tinham sido estudantes nos colégios de Cambridge e 30 nos de Oxford” (EBY, *História da educação moderna*, p. 208).

<sup>117</sup> Primeiros frutos da Nova Inglaterra, (1643): In: SYRETT, Harold C. (Org.). *Documentos históricos dos Estados Unidos*. São Paulo: Cultrix, 1980, p. 29.

<sup>118</sup> Para Melancton, por exemplo, a ignorância é a maior adversária da fé, devendo, por isso mesmo ser combatida (Cf. CAMBI, Franco. *História da pedagogia*. São Paulo: Editora UNESP, 1999, p. 250-251).

<sup>119</sup> Ver: RYKEN, *Santos no mundo*, p. 174ss.

na sua língua original e a expor teologia, mas também estudavam matemática, astronomia, física, botânica, química, filosofia, poesia, história e medicina”.<sup>120</sup>

A ênfase puritana foi marcante em todos os níveis educacionais podendo ser avaliada tanto quantitativa como qualitativamente.<sup>121</sup> Seguindo a tradição da obrigatoriedade do ensino público, conforme enfatizada por Lutero e pelos calvinistas franceses (1560)<sup>122</sup> e holandeses (1618),<sup>123</sup> “em 1647, o Estado de Massachussets decreta a obrigatoriedade de uma escola primária, sempre que uma povoação agrupe mais de 50 lares”.<sup>124</sup>

Por trás deste ardor pedagógico e social herdado da Reforma estava um firme fundamento teológico. Esta perspectiva amparava-se num conceito de Deus, do homem e do propósito do ser humano nesta vida.

- a) Deus é reconhecido como o Criador e Senhor de todas as coisas, sendo o doador da vida e de tudo que temos,<sup>125</sup> a quem devemos conhecer experiencialmente,<sup>126</sup> amar, obedecer e cultuar.<sup>127</sup> Resumindo: “O conhecimento de Deus é a genuína vida da alma...”;<sup>128</sup>
- b) O homem como “imagem e semelhança” de Deus deve ser respeitado, amado e ajudado.<sup>129</sup> Por mais indigno que ele possa nos parecer, devemos considerar: “A imagem de Deus nele é digna de dispormos a nós mesmos e nossas posses a ele”.<sup>130</sup> Por isso, “Não temos de pensar

<sup>120</sup> Ibid., p. 175.

<sup>121</sup> Ver: Ibid., p. 168.

<sup>122</sup> Ver extratos do documento elaborado pelos protestantes reunidos em Orléans em 1560. O texto foi enviado ao Rei de França (Cf. HANS, Nicholas. *Educação comparada*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971, p. 194).

<sup>123</sup> O Sínodo de Dort decretou em 1618 que “escolas devem ser fundadas nos campos, nas vilas e nas cidades. Deve ser ministrada educação religiosa. Os magistrados cristãos devem velar para que os professores sejam criaturas bem qualificadas, recebendo uma compensação adequada pelos seus esforços. Os filhos dos pobres devem receber educação gratuita. Em todas as escolas, os professores devem ser cristãos ortodoxos. Os ministros eclesiásticos têm a obrigação de visitar todas as escolas, sejam elas públicas ou privadas” (*Apud* HANS, *Educação comparada*, p. 196-197).

<sup>124</sup> VIAL, Jean. Introdução. In: MIALARET; VIAL (Orgs.), *História mundial da educação*, v. 2, p. 9.

<sup>125</sup> “Deus (...) é a fonte de vida e de todas as bênçãos excelentes” (CALVINO, *Exposição de Hebreus*, (Hb 7.25), p. 197).

<sup>126</sup> CALVINO, *Gálatas*, (Gl 4.8), p. 127; CALVINO, João. *O livro dos Salmos*. São Paulo: Parakletos, 2002, v. 3, (Sl 79.6), p. 255; CALVINO, *As Institutas*, I.5.9; CALVINO, *Exposição de Hebreus*, (Hb 11.6), p. 305-306; *Calvin's commentaries*, v. XVII, (Jo 4.22), p. 159-161.

<sup>127</sup> CALVINO, *O livro dos Salmos*, v. 1, (Sl 6.5), p. 129; CALVINO, Juan. Catecismo de Genebra, Perg. 2. In: *Catecismos de la iglesia reformada*. Buenos Aires: La Aurora, 1962, p. 29; CALVINO, *Gálatas*, (Gl 4.9), p. 127; CALVINO, *As Institutas*, I.2.1-2.

<sup>128</sup> CALVINO, João. *Efésios*. São Paulo: Parakletos, 1998, (Ef 4.18), p. 136-137.

<sup>129</sup> Ver: CALVINO, João. *A verdadeira vida cristã*. São Paulo: Novo Século, 2000, p. 37-38.

<sup>130</sup> Ibid., p. 38.

continuamente nas maldades do homem, mas, antes, darmos conta de que ele é portador da imagem de Deus”.<sup>131</sup> Esta perspectiva deverá nortear sempre a nossa consideração a respeito do ser humano.<sup>132</sup>

A educação, portanto, visava preparar o ser humano para melhor servir a Deus na sociedade, a fim de que Deus fosse glorificado. A educação reformada-puritana não tinha um fim em si mesma, antes era caracterizada por um propósito específico, conforme definiu John Milton (1608-1674) em 1644:

“O objetivo da aprendizagem é corrigir as ruínas de nossos primeiros pais, recuperando o conhecer a Deus corretamente, e a partir deste conhecimento, amá-Lo, imitá-Lo e ser como Ele, do modo mais aproximado possível, tornando nossas almas possuidoras de verdadeira virtude que, unida à graça celestial da fé, constrói a mais alta perfeição.”<sup>133</sup>

Na seqüência: “Chamo de uma educação completa e generosa aquela que capacita um homem para atuar justamente, habilidosamente, magnanimamente, em todos os ofícios, tanto privados como públicos, de paz e de guerra”.<sup>134</sup> Deste modo a educação é vista não a partir do ensino, mas do aprendizado e, de modo especial do homem que resulta deste saber preparado para realizar a obra que Deus lhe confiou. O saber é para viver autenticamente em comunhão com Deus, refletindo isso no cumprimento de nossos deveres religiosos, familiares, políticos e sociais, agindo no mundo de forma coerente com a

<sup>131</sup> Ibid. p. 37-38. Ver também: CALVINO, *O livro dos Salmos*, v. 1, (Sl 8.7-9), p. 173-174; CALVINO, João. *Instrução na fé: Princípios para a vida cristã*. Goiânia, GO: Editora Logos, 2003, p. 27-28.

<sup>132</sup> Ver: CALVINO, *As Institutas da Religião Cristã*: edição especial, IV.17. p. 177ss.

<sup>133</sup> MILTON, John. Of education. In: Campbell, Gordon (Org.). *John Milton: The complete English poems*. New York: Everyman's Library, 1990, p. 557. Apud DAVIS, Jeffrey; RYKEN, Leland. *The future of Christian liberal arts at Wheaton: Drawing upon classical and protestant foundations for direction*, p. 8. Disponível em: (<http://wheaton.edu/FandL/pdf/DavisRyken.PDF>). Acesso em: 03 maio 2008. Do mesmo modo, ver: RYKEN, *Santos no mundo*, p. 173 e NUNES, Ruy Afonso da C. *História da educação no século XVII*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1981, p. 46; ROSSI, Paolo. *A ciência e a filosofia dos modernos: aspectos da revolução científica*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 61ss). No texto publicado em 1643 em Londres, descrevendo o Colégio Harvard, há um detalhamento das “Regras e preceitos observados ao Colégio”. Na segunda regra, lemos: “Todo aluno é claramente instruído e seriamente instado a ponderar na principal finalidade da sua vida e dos seus estudos, a *conhecer a Deus e Jesus Cristo, que é a vida eterna*, João 17.3 e, portanto, a depositar Cristo no fundo, como a única base de todo conhecimento e Saber verdadeiros. E visto que só o Senhor dá a sabedoria, todos devem orar seriamente em segredo para buscá-la junto dele, Prov. 2.3” (In: SYRETT (Org.), *Documentos históricos dos Estados Unidos*, p. 30).

<sup>134</sup> MILTON, John. Of education. Apud RYKEN, *Santos no mundo*, p. 179. Do mesmo modo: EBY, *História da educação moderna*, p. 182. Quanto à visão de Milton a respeito da formação dos Ministros, ver HOOYKAAS, *A religião e o desenvolvimento da ciência moderna*, p. 188-189.

nossa nova natureza,<sup>135</sup> objetivando em tudo a glória de Deus. Para Calvino, a pergunta condenatória de Tertuliano (c.160-c.220 AD) à filosofia não fazia sentido.<sup>136</sup> O cristianismo é uma cosmovisão que parte das Escrituras para o exame de todas as facetas da realidade.

Para Calvino, nenhum tipo de ensino que levasse os homens a deixarem de se preocupar com qualquer coisa que afetasse de maneira profunda a vida humana, até mesmo em suas preocupações puramente humanas, poderia de forma alguma ser cristão.<sup>137</sup>

O calvinismo fornece-nos óculos cujas lentes têm o senso da soberania de Deus como perspectiva indispensável e necessária para ver, interpretar e atuar na realidade, fortalecendo, modificando ou transformando-a, conforme a necessidade. Isso tudo, num esforço constante de atender ao chamado de Deus a viver dignamente o evangelho no mundo. Schaff comenta que

o senso da soberania de Deus fortaleceu os seus seguidores contra a tirania de senhores temporais, e os fez os campeões e promotores de liberdade civil e política na França, Holanda, Inglaterra e Escócia.<sup>138</sup>

O calvinismo, com sua ênfase na centralidade das Escrituras, é mais do que um sistema teológico; é sobretudo uma maneira teocêntrica de ver, interpretar e atuar na história tendo os olhos direcionados para a glória de Deus. O estudioso inglês Tawney (1880-1962), observa que

<sup>135</sup> Calvino constata que “a doutrina será de pouca autoridade, a menos que sua força e majestade resplandeçam na vida do bispo como o reflexo de um espelho. Por isso ele diz que o mestre seja um padrão ao qual os discípulos possam seguir” (CALVINO, *As Pastorais*, (Tt 2.7), p. 331).

<sup>136</sup> “Esta é a sabedoria profana que temerariamente pretende sondar a natureza e os decretos de Deus. E as próprias heresias vão pedir seus petrechos à filosofia... “Que tem a ver Atenas com Jerusalém? Ou a Academia com a Igreja? A nossa doutrina vem do pórtico de Salomão, que nos ensina a buscar o Senhor na simplicidade do coração. Que inventem, pois, se o quiserem, um cristianismo de tipo estoíco, platônico e dialético! Quanto a nós, não temos necessidade de indagações depois da vinda de Cristo Jesus, nem de pesquisas depois do Evangelho. Nós possuímos a fé e nada mais desejamos crer. Pois começamos por crer que para além da fé nada existe que devam crer” (TERTULIANO, *Da prescrição dos hereges*, VII: In: ROBERTS, Alexander; DONALDSON, James (Orgs.). *Ante-Nicene fathers*. 2ª ed. Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1995, Vol. III, p. 246).

<sup>137</sup> WALLACE, *Calvino, Genebra e a Reforma*, p. 90-91.

<sup>138</sup> SCHAFF, *History of the Christian church*, v. VIII, p. 562. Hans diz que o Calvinismo, ainda que de modo indireto, foi “responsável pelo desenvolvimento das idéias democráticas de autogoverno. A mais poderosa e valiosa contribuição de Calvino à causa democrática não foi a sua teologia, mas sim a organização da sua Igreja, porque os consistórios, as assembleias provinciais e os sínodos nacionais constituíam um excelente treinamento básico para um ulterior governo autônomo” (Nicholas Hans, *Educação Comparada*, p. 192).

o Calvinismo foi uma força ativa e radical. Era um credo que buscava não meramente purificar o indivíduo, mas reconstruir a Igreja e o Estado e renovar a sociedade, permeando todos os setores da vida, tanto públicos como privados, com a influência da religião.<sup>139</sup>

### **ABSTRACT**

In this article Costa describes the medieval origins of three representative universities of Europe: Paris, Bologne, and Salerno. Dealing with the Protestant Reformation, he demonstrates how important culturally for Protestantism was the understanding that the Christian faith should be known in order to be professed. Departing from the Reformed perspectives of “explicit faith” and “common grace”, he also analyzes the origins of the Geneva Academy started by John Calvin, its characteristics and influence, and shows the historical dimension of the foundation of universities, as well as the very special character of the Academy. He concludes the article by pointing out how the countries reached by the Reformation gave emphasis to reading, education, and the establishment of schools at all levels, due to primarily religious motivations.

### **KEYWORDS**

John Calvin; Protestant Reformation; Academy of Geneva; Education; Medieval universities.

---

<sup>139</sup> TAWNEY, R. H. *A religião e o surgimento do capitalismo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971, p. 109.